

**Documentação**

SOCIOAMBIENTAL

Fonte: GM (Comércio & Serv.)

Data: 9/4/2003 Pg: 2

Class.: 08

## COMÉRCIO & SERVIÇOS

### ARTESANATO

# Central de distribuição para o varejo

ArteSol melhora as perspectivas de renda de comunidades pobres em várias regiões do País

Iolanda Nascimento  
de São Paulo

O artesanato de Wandelly Costa Alves, um paraense de Abaetetuba, está conquistando o mercado nacional. Assim como os animais feitos por Wandelly a partir do Miriti, uma palmeira regional, peças de cerâmicas, trançados, bordados, rendas, esculturas e cestarias, entre outras 4 mil peças de artesanato, estão agora mais acessíveis ao varejo brasileiro, graças à criação da Central ArteSol. Braço de comercialização do Programa Artesanato Solidário, a central reúne cerca de 3 mil artesãos de 40 comunidades pobres de 15 estados brasileiros.

Inaugurada no final do ano passado, com sede e "show room" na capital paulista, a ArteSol é uma organização da sociedade civil sem fins lucrativos e funciona como central atacadista. Ela compra, com pagamento à vista, os produtos das comunidades e os revende para lojistas, hotéis, museus, decoradores e outros canais consumidores do varejo. "Podemos até fornecer para empresas que costumam presentear seus clientes com originalidade", informa Helena Sampaio, coordenadora da Central ArteSol e do Programa Artesanato Solidário.

O objetivo da central é ampliar os canais de vendas e gerar mais renda para os artesãos vinculados ao Programa, além de evitar que atravessadores comprem esses produtos "a preço de banana", eliminando a possibilidade de lucro para as comunidades. De acordo com Helena Sampaio, a intenção inicial é garantir um rendimento de cerca de meio salário mínimo mensal para cada artesão. Isso resultaria num total de aproximadamente R\$ 500 mil por mês.



Helena Sampaio

À primeira vista, pode parecer pouco, mas Helena lembra que a última pesquisa realizada nessas comunidades aponta que 70% das famílias têm renda de somente um salário mínimo e o teto de renda nas comunidades não ultrapassa dois e meio salários mínimos — 60% provenientes do trabalho artesanal. "Meio salário mínimo a mais proporciona uma mudança enorme no padrão de vida dessas pessoas", pondera Helena.

Wandelly sabe bem disso, como revelou aos pesquisadores do Programa Artesanato Solidário. Antes, ele desenvolvia seus animais em Miriti apenas para a festa do Círio de Nazaré, que ocorre uma vez por ano, em Belém. Nada sabia sobre o valor de sua arte ou que poderia sobreviver e até prosperar com ela.

Com o projeto, aperfeiçoou a técnica e o uso de materiais. E agora vende sua produção, como obra de arte, até no Museu Emilio Goeldi, na capital do Pará, ao lado das peças desenvolvidas por outros artesãos de Abaetetuba. Com o dinheiro, já construiu casa de alvenaria e pensa em ter sua própria loja.

O Programa Artesanato Solidário é hoje vinculado à Comunitas-Parcerias para o Desenvolvimento Solidário, organização sem fins lucrativos que adotou o projeto antes estimulado pelo Comunidade Solidária, presidido pela ex-primeira-dama Ruth Cardoso. Ele nasceu em 1998, quando equipes do Comunidade Solidária — em busca de soluções emergenciais de combate à seca no Nordeste e no Vale do Jequitinhonha, em Minas Gerais — descobriram que pessoas de regiões extremamente pobres produziam, com matéria-prima local, artesanato belo e carregado de tradição, mas sem estímulo comercial.

"Os artesãos aprenderam com os pais ou com os avós. São técnicas transmitidas de geração para geração e algumas estavam até em fase de extinção", conta Helena. As equipes do Comunidade Solidária começaram, então, a desenvolver nessas comunidades oficinas para ampliar o uso de técnicas artesanais e de conhecimento, tendo em vista uma produção em maior escala. O objetivo era revitalizar e resgatar a arte local para que ela pudesse ser um canal constante de renda para a comunidade.

Nas oficinas, os artesãos aprenderam também a desenvolver produtos dentro de determinados padrões para que pudessem ser comercializados. "A interferência na autoria é mínima. Inserimos conceitos de resistência dos materiais, tamanhos, padrão de cores e outros aspectos que valorizam o artesanato e o tornam uma oportunidade de negócio", explica Helena.

As comunidades aprenderam ainda a formar uma política de pre-

ços. "Antes, as pessoas trocavam suas obras por mercadorias ou vendiam a preços que não custeavam nem o tempo gasto na confecção do artesanato", diz a coordenadora da ArteSol.

O Programa Artesanato Solidário ganhou corpo e logo atingiu 26 cidades. Hoje, são 68 núcleos pelo País e até o final do ano serão incorporados mais sete. A maior parte dos núcleos (40) produz em escala e comercializa as peças em feiras regionais e em rodadas de negócios promovidas pelo Programa, em parceria com o Sebrae.

A Central ArteSol surge como novo canal de comercialização, mas com caráter abrangente, com estoque e pronta-entrega, para atingir o maior número possível de compradores no País. Diretamente, ela já tem 18 lojistas em sua carteira de clientes. Entre eles, estão varejistas como a Daslu Casa, cujo público comprador está na classe alta paulista, e o Projeto Casas do Brasil, do grupo Pão de Açúcar, de atuação mais popular.

"Temos artesanato para todos os gostos e bolsos. Uns são utilitários, como toalhas e jogos americanos de renda, e outros são obras que retratam a arte e a cultura das comunidades", informa Helena. As peças de artesanato também já chegaram ao Rio de Janeiro e podem ser encontradas na loja da organização não governamental Associação Viva Rio.

A Central ArteSol está sendo financiada pela Caixa Econômica Federal, parceira da entidade, que já tem em estoque cerca de R\$ 100 mil em peças de artesanato. O dinheiro foi repassado aos artesãos.



**CENTRAL ARTESOL**  
PROGRAMA ARTESANATO SOLIDÁRIO